

A CONSTRUÇÃO DA REPRESENTATIVIDADE CIENTÍFICA FEMININA EM RECIFE: A PRODUÇÃO GEOGRÁFICA NA UFPE 1960-1990

110

THE CONSTRUCTION OF FEMALE SCIENTIFIC REPRESENTATION IN RECIFE:
GEOGRAPHICAL PRODUCTION AT UFPE 1960-1990

<https://doi.org/10.51359/2525-6092.2024.262659>

Milka Lopes Bezerra
milkabeserra@gmail.com
Universidade Federal de Pernambuco
Recife - Pernambuco – Brasil
<https://orcid.org/0000-0001-6882-8646>

Submetido em 26.04.2024
Aceito em 30.04.2024

Resumo:

As mulheres professoras contribuíram para a consolidação do DCG-UFPE não apenas em questões acadêmicas, mas também no desenvolvimento de representatividades entre os gêneros em ambientes de produção científica. Nesse sentido, a presente pesquisa demarca quem foram essas mulheres professoras que adentram ao Departamento de Ciências Geográficas na Universidade Federal de Pernambuco (1960-1990) e quais as problemáticas de gênero vivenciadas nesse período. Buscou-se também entender a partir de quais cenários essas mulheres se construíram como profissional Geógrafa e professoras acadêmicas, como também de quais formas essas mulheres contribuíram para a produção de estudos geográficos em Pernambuco. A partir de pesquisas a documentos, bibliotecas e entrevistas foram cumpridos os objetivos. Diante disso, observou-se a presença das mulheres professoras como protagonistas e precursoras de espaços de pesquisa e formação acadêmica, sendo a expressão da evolução da representatividade entre os gêneros no mercado de trabalho. Para contextualizar esses acontecimentos, rememora-se as dificuldades enfrentadas por elas e por suas alunas nos anos de 1960- 1990 na produção de ciências geográficas e como as suas produções contribuíram para a produção da geografia produzida em Pernambuco.

BEZERRA, A. L. A construção da representatividade científica feminina em Recife: a produção geográfica na UFPE 1960-1990. *Revista Rural e Urbano*, v.9, n.2, 2024. p. 110-128.

Palavras-chave: geografia feminina; Departamento de Ciências Geográficas; Pernambuco; Recife

Abstract:

Women professors contributed to the consolidation of the DCG-UFPE not only in academic issues, but also in the development of gender representativities in scientific production environments. In this sense, the present research marks who were these women professors who joined the Department of Geographical Sciences at the Federal University of Pernambuco (1960-1990) and what were the gender issues experienced in this period. We also sought to understand from which scenarios these women built themselves as professional geographers and academic professors, as well as in which ways these women contributed to the production of geographic studies in Pernambuco. The objectives were met through the research of documents, libraries and interviews. In this way, the presence of female professors was observed as protagonists and precursors of spaces for research and academic formation, being the expression of the evolution of the representativity between genders in the labor market. To contextualize these events, we recall the difficulties faced by them and their students in the years 1960- 1990 in the production of geographic sciences and how their productions contributed to the production of geography produced in Pernambuco.

Keywords: women's geography; Department of Geographical Sciences; Pernambuco; Recife

Introdução

Em Pernambuco o desenvolvimento dos estudos ligados à Geografia são iniciados a partir das diversas transformações sociais e estruturais ocorridas a partir da década de 30. Diante disso, a produção acadêmica Geográfica se institucionalizou em Pernambuco a partir dos anos de 1950. Na Geografia brasileira e regional, a Universidade Federal de Pernambuco foi uma das primeiras a institucionalizar o estudo da Geografia e por isso exerce um papel muito importante no desenvolvimento das pesquisas regionais no Nordeste. Essa instituição também marcou com a sua história algumas transformações sociais, como por exemplo, representa uma das Universidades brasileiras que esteve em sua formação em constantes níveis crescentes de representatividade feminina. O curso de Geografia iniciou absolutamente masculino. Entre os primeiros professores do Departamento de Ciências Geográficas-UFPE estiveram alguns considerados referências na geografia nacional como Hilton Sette, Gilberto Osório de Andrade, Mário Lacerda de Melo, Manoel Correa de Andrade etc. Apesar de no início não estarem presentes, as mulheres foram ganhando representatividade ao longo dos anos. Isso nos faz conjecturar, por uma lado, sobre os desafios enfrentados por elas frente ao machismo e patriarcalismo estrutural, que as obrigava a levar uma vida dupla (profissional e doméstica), e,

BEZERRA, A. L. A construção da representatividade científica feminina em Recife: a produção geográfica na UFPE 1960-1990. **Revista Rural e Urbano**, v.9, n.2, 2024. p. 110-128.

por outro lado, as suas contribuições efetivas para a construção do pensamento geográfico. Dominado por homens, o pensamento científico ocidental e nacional têm a tendência de relegar a essas mulheres precursoras um papel secundário, bem como o ostracismo, na história do pensamento científico, no nosso caso, científico geográfico.

Com base nisso, a presente pesquisa buscou através da história e dos depoimentos das professoras e ex-alunas do DCG-UFPE responder às seguintes questões: como se desenvolveu a permanência e atuação das mulheres na contemporaneidade do pensamento Geográfico na UFPE no período de 1960 a 1990? Quem foram as mulheres que compuseram o quadro do Departamento de Ciências Geográficas da UFPE e quais suas áreas de pesquisas entre 1960 e 1990? Quais as influências da condição feminina, advindas da vivência das relações de gênero, nos espaços de constituição da Geografia na UFPE? E quais as principais contribuições da produção geográfica feminina para a Consolidação do pensamento geográfico pernambucano entre 1960 e 1990? A investigação desses questionamentos foi desenvolvida no presente trabalho com o intuito de produzir um resgate histórico sobre o início do DCG-UFPE, como também entender de quais formas as mulheres lidavam com a vida dual: vida pública e vida privada e como essas problemáticas influenciavam na permanência dessas mulheres nos espaços produtores de ciência.

Como norte de pesquisa foi proposto como objetivo geral investigar a presença e atuação das mulheres no pensamento geográfico contemporâneo na UFPE no período de 1960 – 1990; E como objetivos específicos identificar as mulheres que compuseram o quadro do Departamento de Ciências Geográficas da UFPE e suas áreas de pesquisas entre 1960 – 1990., discernir as influências da condição feminina, advindas da vivência das relações de gênero, na permanência das mulheres nos espaços de constituição da Geografia na UFPE e por fim apresentar as principais contribuições da produção geográfica feminina para a consolidação do pensamento geográfico pernambucano entre 1960 – 1990.

1. Metodologia

A pesquisa em questão foi desenvolvida em caráter historiográfico-quantitativo e qualitativo. Historiográfico por demarcar o contexto social e geográfico no período de 1960-1990. Quantitativo por ser submetida a parâmetros sucessivos de presença e produtividade das

BEZERRA, A. L. A construção da representatividade científica feminina em Recife: a produção geográfica na UFPE 1960-1990. **Revista Rural e Urbano**, v.9, n.2, 2024. p. 110-128.

mulheres professoras do DCG-UFPE, as protagonistas desta investigação, e qualitativo por se tratar de um processo dinâmico do desenvolvimento da representatividade dessas mulheres no Departamento de Ciências Geográficas da UFPE. Como método para referenciar o inquérito foi utilizado a Abordagem Contextual de Berdoulay, e a partir de seus pressupostos buscou-se identificar quais impactos dos acontecimentos internos e externos ao DCG-UFPE e como eles eram refletidos em sua formação, como também de quais maneiras essas questões influenciaram no quantitativo de mulheres no seu corpo docente entre os anos de 1990-1990.

Em termos de processos metodológicos a pesquisa foi dividida em três partes: pesquisa de campo, pesquisa de gabinete e entrevistas remotas. Nas pesquisas procedidas em gabinete foram investigadas quais os teóricos (a) que abordam as questões de gênero de 1990-1990 no intuito de reconstruir as problemáticas sociais vivenciadas no período histórico. Nas pesquisas de campo buscou-se identificar quem foram as mulheres professoras e técnicas que participaram da formação do DCG-UFPE a partir da realização de visitas ao Arquivo Geral e a Seção de Assentamento de Pessoal da PROGEPE-UFPE para a triagem das pastas funcionais no intuito de localizar nomeações, cargos ocupados, a trajetória das professoras no DCG-UFPE, como também quais as suas obras (Relatórios, Livros, Dissertações e Teses) pertinentes como representativas. Para isso, realizou-se também visitas ao Acervo NAPE-UFPE, que guarda a memória da grande parte da Geografia produzida em Pernambuco a partir da década de 1970, o Acervo de obras e de fotos da Fundação Joaquim Nabuco e por fim o Acervo de obras da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste. E, para a produção de História Oral, foram realizadas entrevistas remotas com doze professoras (o) que presenciaram esse processo de mudanças de gerações do DCG-UFPE sejam como professoras, como alunas ou como técnicas, buscando rememorar as questões de representatividade entre os gêneros da época na academia e entender como eram desenvolvidas as relações dessas professoras com a Geografia no Departamento e em outras instituições de pesquisas.

2. Resultados e discussão

2.1 As mulheres e a formação da cátedra geográfica na UFPE (1960 -1990)

Expressando a situação da maioria das instituições brasileiras em meados do século XX,

BEZERRA, A. L. A construção da representatividade científica feminina em Recife: a produção geográfica na UFPE 1960-1990. *Revista Rural e Urbano*, v.9, n.2, 2024. p. 110-128.

a presença das mulheres na formação da cátedra geográfica na UFPE não aconteceu em sua fundação, mas foi se consolidando e expandindo ao longo do tempo. O Departamento de Ciências Geográficas na UFPE surgiu na década de 1950 e se estruturou com direcionamentos para pesquisas regionais a partir dos anos de 1960¹. O início do DCG-UFPE foi marcado pela contribuição dos docentes de geografia no desenvolvimento de pesquisas que auxiliaram nas investigações sobre a extensão e caracterização do Nordeste, tornando-se, posteriormente, referências para estudos regionais no Brasil. Como exemplo dessas produções podemos citar as seguintes obras: “*Alguns aspectos do quadro natural do Nordeste (1977)*” do professor Gilberto Osório de Andrade, “*Paisagens do Nordeste em Pernambuco Paraíba (2012)*” do professor Mário Lacerda de Melo, “*Áreas de Execução do Agreste de Pernambuco (1989)*” da professora Rachel Caldas Lins, “*Geografia geral (1953)*” do professor Hilton Sette e “*Série e Estudos Regionais: O Norte Cearense. SUDENE (1985)*” da professora Marlene Maria da Silva.

A representatividade entre os gêneros no seu corpo docente (DCG-UFPE) era restrita e unilateral, pois a princípio não contava com a participação de mulheres. Mas a partir dos anos de 1970 as mulheres passaram a se inserir nesse espaço, se destacando na história do departamento e seguem até os dias atuais com o desenvolvimento de pesquisas, ensino e extensão.² Após os anos de fundação, durante o processo de formação do DCG-UFPE, as professoras e funcionárias técnicas já começaram a exercer papéis de gestoras de alguns setores da UFPE e DCG ajudando a consolidar espaços para a realização de estudos geográficos existentes até os dias de hoje.

As diferenças de representatividades entre os gêneros no DCG-UFPE são a expressão da estrutura social dos anos entre 1950-1960. A UFPE e o DCG se inserem nesse contexto de transição a partir dos anos de 1960, onde deram-se início as primeiras mobilizações sociais que buscavam reivindicar os direitos civis femininos. A França sediou as primeiras inquietações do movimento político que lutava por igualdade entre os gêneros na sociedade a partir do

¹ Informações presente no <[Departamento - UFPE](#)>

² Informações cedidas nas entrevistas com as professoras das primeiras gerações do Departamento de Geografia da UFPE.

“Movimento Feminista” tornando esses incômodos gatilhos para mulheres cientistas se encorajarem a tornarem públicas as suas obras. NEGRI (2020) discute sobre uma pesquisa recente realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada-IPEA (2017) que comprova a constante crescente participação das mulheres nas ciências no Brasil, elas representam 54% dos estudantes de doutorado e esse percentual vem crescendo em torno de 10% nos últimos vinte anos. Mas mesmo diante desses percentuais, as mulheres no Brasil ainda não representam grande parte dos gestores dos centros produtores científicos. Frente a essas discussões é válido lembrar a partir de quais cenários as mulheres construíram as suas trajetórias científicas em tempos que esses espaços eram priorizados aos homens, é importante reafirmar que o Movimento Feminista foi um dos acontecimentos nas décadas de 1960-1990 que marcaram essa história de encorajamento das mulheres para a produção científica e entrada no mercado de trabalho que se perpetua até os dias atuais .

No cenário nacional-regional, no Brasil 1960-1990 era crescente a presença das mulheres nos cursos de graduação em Geografia, contudo ainda era marcante a falta de representatividade nos maiores níveis hierárquicos acadêmicos. O corpo docente do DCG – UFPE é um dos exemplos históricos da baixa representatividade feminina na docência no processo de construção de instituições de ensino superior nos anos de 1950 no Brasil (ALMEIDA, 2012), mas se tornou um exemplo da evolução da representatividade das mulheres nas ciências Geográficas na Universidade Federal de Pernambuco. Depois de sua formação universitária as mulheres geógrafas eram muito mais direcionadas ao ensino escolar, enquanto os homens tornavam-se pesquisadores e docentes universitários (SILVA, 2009). A luta das mulheres pelo seu reconhecimento como produtora das Ciências Geográficas se desenvolveu historicamente junto à luta da sua representação como sujeito social. Diante disso, as discussões que envolvem as problemáticas de gênero visam ser um viés demarcador da desigualdade social entre os gêneros nos espaços sociais, partindo do pressuposto de que a estrutura social delimita os espaços ocupados e destinados às mulheres. Com a chegada das mulheres ao corpo docente do DCG-UFPE em Pernambuco deu-se início a uma geografia que se construía com a prática mediada por mulheres.

No DCG a presença feminina foi fundante para alguns espaços de formação, pesquisa

BEZERRA, A. L. A construção da representatividade científica feminina em Recife: a produção geográfica na UFPE 1960-1990. **Revista Rural e Urbano**, v.9, n.2, 2024. p. 110-128.

e extensão. Como exemplos desses ambientes, o NAPE e o Programa de Educação Tutorial de Geografia PET-GEO são representativos. O NAPE é um acervo histórico e geográfico da Universidade Federal de Pernambuco que se destacou nos anos de (1970 e 1980) tendo em vista a forte ligação desse acervo com os alunos de graduação. O acervo era composto por textos, cadernos, relatórios e livros, muitos hoje considerados clássicos, utilizados como referência para a criação de trabalhos acadêmicos como monografias, trabalhos para disciplinas, como também para embasar pesquisas e projetos de extensão. A participação das mulheres na criação deste espaço foi primordial, pois foram as técnicas Maria do Bom Parto Fernandes e a Maria Jaci Câmara de Albuquerque do DCG-UFPE as primeiras tutoras do NAPE. Esse acervo contou com a doação de obras das bibliotecas dos professores do período.³

O PET-GEO deu-se início⁴ nos anos de 1988 tendo como primeira coordenadora a técnica Maria José Nonato, que passa a chefia logo em seguida a professora Edvânia Torres que o coordenou na sequência da gestão na década de 1990. O PET teve como uma das práticas os trabalhos de campo, como por exemplo, investigações sobre o Litoral Sul de Pernambuco em uma perspectiva geocientífica. A professora consultada (Edvânia Torres) relata nessa trajetória de formação dos alunos do PET grandes dificuldades de manutenção do programa devido à escassez de recursos financeiros na década de 90. Essa realidade de empecilhos também era comum a outros espaços de produção científica como, por exemplo, o NAPE. Este espaço exerce até os dias de hoje um papel fundamental na guarda da história da Geografia regional em Pernambuco, e o PET GEO um papel na formação avançada dos graduandos. E esses primeiros espaços de produtividade geográficas no DCG- UFPE, o NAPE e o PET GEO foram dois dos espaços precursores na produção de extensão universitária e na categoria de acervo historiográfico regional no Departamento de Ciências Geográficas na UFPE.

Ao analisar o quadro abaixo é possível perceber a crescente participação das mulheres no Departamento de Ciências Geográficas a partir dos anos 1970-1980. Esse avanço se desenvolveu em conjunto com o início das discussões sobre as questões de gênero nas academias ao redor do mundo. Essas investigações buscavam compreender quais as

³ Informações cedida sem entrevista com Coordenadora do NAPE- Maria Rosalva

⁴ Informações cedidas em entrevistas com a professora Edvânia Torres Aguiar.

problemáticas históricas de gênero e dimensionar quais as questões diárias enfrentadas pelas mulheres para a construção de um ser político. Na Geografia essas buscas a priori foram desenvolvidas por Geógrafas inglesas como também de Universidades dos Estados Unidos e do Canadá. As investigações foram impulsionadas pela Terceira onda do Movimento Feminista. Contudo, pesquisas comprovaram que mesmo em meio a constante luta do Movimento das Mulheres, o quantitativo entre homens e mulheres nos maiores cargos universitários eram discrepantes (MCDOWELL e PEAK, 1990).

Quadro 1: Professoras pertencentes às primeiras gerações do DCG - UFPE (1970 -1980)

GER.	PROFESSORAS E TÉCNICAS	ÁREA DE ATUAÇÃO
1970	Professora Marlene Maria da Silva	Geografia Agrária
1970	Professora Ana Maria Andrade	Climatologia
1970	Professora Maria das Graças Kater	Geografia Regional
1970	Professora Jaqueline Pernette	Geografia da População
1970	Professora Diva Medeiros de Andrade	Cartografia e Geografia Agrária
1970	Professora Rachel Caldas Lins	Climatologia, Geomorfologia e Geografia Regional
1970	Professora Aldemir Dantas Barboza	Geografia ambiental e Climatologia
1970	Professora Tânia Bacelar Araújo	Geografia Econômica
1980	Professora Silvana Moreira	Geografia Ambiental
1980	Professora Vanice Santiago Fragozo Selva	Geografia Regional
1980	Professora Eda Maranhão Pessoa	Geografia da População
1980	Professora Maria Auxiliadora Cartaxo	Geografia Agrária
1980	Professora Ana Maria Coutinho	Climatologia
1980	Professora Edvania Torres Aguiar Gomes	Geografia Urbana

Fonte: Produzida pela autora com informações cedidas pelo Arquivo geral da UFPE, 2022

BEZERRA, A. L. A construção da representatividade científica feminina em Recife: a produção geográfica na UFPE 1960-1990. **Revista Rural e Urbano**, v.9, n.2, 2024. p. 110-128.

2.2 A condição feminina e a consolidação da Geografia na UFPE: entre o cotidiano e produção científica.

Diante dos diversos eventos que estruturaram o estabelecimento do DCG- UFPE nos anos de 1950 nota-se que os questionamentos dos contextos sociais e científicos se assemelham à crítica dos sujeitos hegemônicos sociais. Nesse sentido, é emergente entender de quais formas as mulheres nas décadas de 1960–1990 passaram a construir a sua vida pública e mantiveram a sua vida privada. Em busca de entender essas questões é válido mencionar a história da evolução brasileira sobre a inclusão da mulher em espaços que em sua maioria eram ocupados pelos homens. Berdoulay (2017) sinaliza que as análises históricas devem atentar para as questões que preocupam a sociedade no tempo estudado. As problemáticas que envolviam a exclusão das mulheres nesses ambientes nas décadas de 1960-1990 fizeram parte de um conjunto de reivindicações que historicamente foram postos em relevância pelo Movimento Feminista.

As mulheres passam então a adentrar aos centros acadêmicos a partir dos primeiros reflexos da segunda onda do Movimento Feminista que acontece em 1960-1980, contudo, ainda ocupando cargos secundários e não ascendendo em sua vida profissional. ROSE (1993), MCDOWELL (1999) e SILVA (2003) apontam que para existir a manutenção da invisibilidade feminina foi necessário a existência de uma estrutura social negacionista de direitos das mulheres. Nesse sentido, as atribuições domésticas, o casamento, o preconceito de gênero e a maternidade são alguns dos pilares que sustentam o pensamento excludente da mulher nas Ciências Geográficas. Sobre as diversas trajetórias femininas, SILVA (2003) discute em sua obra “*Geografias Subversivas*” como as espacialidades das mulheres tornam possíveis que elas se mantenham em um “Espaço paradoxal”, hora ocupando postos de centralidade no desenvolvimento da sua vida pública e hora subjugadas na manutenção da sua vida privada (infográfico abaixo).

BEZERRA, A. L. A construção da representatividade científica feminina em Recife: a produção geográfica na UFPE 1960-1990. **Revista Rural e Urbano**, v.9, n.2, 2024. p. 110-128.

Infográfico 1: O Espaço Paradoxal



Fonte: Produzido pela autora com a ferramenta CANVA, 2022.

Nos espaços formadores, MOREIRA (2009) aponta como as diferentes trajetórias constroem indivíduos sociais. Somando esse pensamento à análise de SILVA (2003), torna-se possível inferir a partir de quais cenários essas mulheres se tornaram professoras do DCG-UFPE tendo em vista a pressão social.

“Mãe de dois filhos, casada, trabalhava como técnica da UFPE e morava a 30 km da universidade... Na graduação de Geografia eu comecei a ensinar em Palmares, então eu morava no Janga, trabalhava no departamento o dia inteiro e de 17:30 da tarde, eu ia para o ponto para pegar um ônibus para ir para Palmares. Ai dava aula lá a noite e toda vez voltava para casa. Pegava meu carro lá no aeroporto e ia para o Janga e chegava em casa 1:30 da manhã, ou seja, foram tempos muito sacrificados, hoje em dia eu acho que eu não conheço ninguém que faça esse tipo de sacrifício, mas eu fazia porque eu precisava e eu tive muito o apoio dessas professoras.” (Entrevista com a ex-estudante do DCG - UFPE (ENTREVISTADA 1, 2021))

Considerando o relato acima é aparente que os espaços de produção científica foram

BEZERRA, A. L. A construção da representatividade científica feminina em Recife: a produção geográfica na UFPE 1960-1990. **Revista Rural e Urbano**, v.9, n.2, 2024. p. 110-128.

em sua maioria nos anos de 1960-1990 ambientes que não foram objetivados para a ocupação igualitária entre os gêneros, tendo em vista todos esses obstáculos citados pela entrevistada. É importante mencionar que as pesquisas desenvolvidas no DCG-UFPE na década de 1970 ainda eram coordenadas por homens como Manuel Correia e Mário Lacerda nos estudos da Geografia Humana e Gilberto Osório junto à professora Rachel Caldas Lins nas investigações sobre a Geografia Física. A partir da década de 1980 as mulheres passam a assumir cargos de chefia no DCG-UFPE. É possível que essas novas configurações desenvolvidas no DCG-UFPE sejam repercussões dos movimentos contextuais que lutavam pela igualdade entre os gêneros na sociedade. É uma fase de transição quando as mulheres tanto enfrentavam dificuldades, quanto detinham maior abertura na formação e profissão:

“Eu não tive tantas dificuldades, mas algumas das minhas colegas tinham, na verdade, muitas delas tinham. De não poder dormir fora de casa porque o marido não deixava. Elas diziam aos professores que estavam doente e por isso não iam aos campos do curso, mas depois para a gente eles diziam: “(...) ah o meu noivo disse que se eu fosse acabaria o noivado(...)”, “(...)meu marido me pegou e disse que eu não iria (...)”. Muitas das minhas colegas eram assim, e, por muito tempo eu notei isso nas minhas alunas, nesses últimos anos não, mas durante muito tempo foi assim. A mulher não tinha que estar passeando, eles diziam assim, e se tinha filho tinha que cuidar do filho não tinha porque deixar, não era para deixar o filho era para cuidar da casa, dos filhos e da comida” (ENTREVISTADA 2, 2021)

No processo de consolidação da presença feminina nos espaços administrativos, que persistia a baixa representatividade, uma professora se destacou como precursora: Raquel de Caldas Lins. A professora Rachel é uma importante marca da Geografia produzida por mulheres em Pernambuco a partir dos espaços que ela ocupou durante a sua carreira, sendo geógrafa da SUDENE, FUNDAJ, UFPE entre outras instituições. A sua atuação na área se dava na área física da geografia. Rachel Caldas foi a primeira mulher a coordenar junto com o professor Gilberto Osório pesquisas ligadas a Geografia Física no departamento de Ciências Geográficas. Em entrevista umas das professoras, estudante do curso de Geografia na década de 80, relata:

*“- Então você acha que a Rachel desempenhou esse papel de fortalecimento da presença da mulher no departamento?
- Sim, pela presença política, institucional que ela tinha e o caráter dela também.” (ENTREVISTADA 3, 2021)*

BEZERRA, A. L. A construção da representatividade científica feminina em Recife: a produção geográfica na UFPE 1960-1990. **Revista Rural e Urbano**, v.9, n.2, 2024. p. 110-128.

Além disso, ela foi participante da primeira turma de mestrado desenvolvida pelo PPGEU - UFPE juntamente com Gilberto Osório, Mario Lacerda, Mauro Mota entre outros geógrafos pertencentes às primeiras gerações da Geografia na UFPE.

Imagem 1: Aula de campo da turma de mestrado para Arcoverde - PPGEU UFPE (Mauro Mota, Manoel Correia, Gilberto Osório, Mário Lacerda e Rachel Caldas Lins)

121



Fonte: Acervo pessoal da professora Marisa Braga de Sá, 1976

As diferentes realidades sociais vivenciadas pelas professoras citadas pelas Doutoradas Edvania Torres e Vanice Selva se enquadram no princípio de Berdoulay (2017) de “*não estabelecer superioridade entre as tendências geográficas*”, no caso, de que novas perspectivas geográficas são possíveis de emergirem como produtos das inquietações construídas socialmente. A trajetória das mulheres professoras do Departamento de Ciências Geográficas expressou o avanço da representatividades entre os gêneros, ocorrido inicialmente de forma

BEZERRA, A. L. A construção da representatividade científica feminina em Recife: a produção geográfica na UFPE 1960-1990. **Revista Rural e Urbano**, v.9, n.2, 2024. p. 110-128.

minoritária contra a perspectiva machista hegemônica, mas ganhando posteriormente força tendo em vista a inclusão da mulher através das primeiras mudanças ocorridas em 1970 nos cenários administrativos de pesquisa e do ensino acadêmico.

2.3 As contribuições das mulheres professoras para a formação da representatividade geográfica feminina em Pernambuco (1960-1990)

De acordo com CUNHA, (2001) as mulheres alcançaram muitas conquistas sociais que marcam a trajetória do convívio em sociedade. Ela pontua a importância da representatividade feminina em todos os espaços produtivos no intuito de promover a igualdade entre os gêneros em todos os meios sociais. SEWELL (1999) critica as diferentes formas que a cultura moldou-se com o decorrer dos anos e como ela, contudo, pode ser o ponto de partida para a formação de novos modelos e representatividades sociais como é o caso da representatividade das mulheres nas Universidades. As professoras pertencentes às primeiras gerações de docentes do DCG-UFPE foram possíveis produtos dessas transformações sociais e a permanência da representatividade feminina é a expressão da manutenção dessas mudanças citadas por CUNHA (2001) SEWELL (1999) sendo concretizadas. Essas mulheres contribuíram para a inclusão feminina na Geografia e na construção do Pensamento Geográfico em Pernambuco por meio de suas múltiplas funções: professoras, pesquisadoras e técnicas. Nos espaços da UFPE essas mulheres participaram de pesquisas de Monografias, Dissertações e Teses de Doutorado de cunho regional e em sua maioria foram precursoras em seus direcionamentos de inquérito.

Como exemplo dessas produtoras de análises geográficas, a professora Marlene Maria da Silva na década de 90 se destaca pela temática da sua pesquisa de doutorado, que denuncia a subordinação a que estavam sujeitas as mulheres agrestinas. Concluiu a sua Tese de Doutorado intitulada *“A linha da subordinação: trabalho da mulher e sobrevivência da pequena produção agrícola no Agreste Pernambucano em 1994*, sendo a pesquisa subdividida em quatro partes: (1) a primeira parte trata das questões da época envolvendo o trabalho feminino e a reprodução do espaço; (2) a segunda parte fala sobre os impactos das transformações da economia brasileira na produção agrícola pernambucana caracterizando os aspectos geográficos do Agreste de Pernambuco. Esse estudo é desenvolvido abordando os

BEZERRA, A. L. A construção da representatividade científica feminina em Recife: a produção geográfica na UFPE 1960-1990. **Revista Rural e Urbano**, v.9, n.2, 2024. p. 110-128.

processos de ocupação dessa região, a tradição cultural local e as problemáticas socioeconômicas ligadas aos processos de industrialização brasileira, pontuando quais as consequências dessas transformações para o Nordeste. E a (3) terceira e (4) quarta parte discutindo sobre a produção feminina e as diversas formas de exploração. Em sua pesquisa, Marlene concluiu que as mulheres pertencentes ao Agreste de Pernambuco eram sobrecarregadas tendo em vista o modelo social. Algumas dessas eram mães de muitos filhos e foram abandonadas por seus companheiros e se tornaram a única fonte de renda da família. Constitui este um dos primeiros trabalhos científicos em Pernambuco sobre o problema de gênero na área rural e suas consequências para as mulheres.

As primeiras mulheres do DCG contribuíram também com espaços de produção geográfica para além da UFPE, como a Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ) e a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE). Na FUNDAJ a professora Rachel Caldas Lins exerceu um papel muito importante como gestora de diversas pesquisas na área físico-natural da Geografia.

Na SUDENE junto com as professoras Marlene Maria da Silva, Eda Maranhão Pessoa e Diva Medeiros de Andrade, Raquel de Caldas Lins desenvolveu pesquisas ligadas a SUDENE que foram primordiais para os estudos regionais do Nordeste, nomeado como “*SÉRIE E ESTUDOS REGIONAIS 1982;1985;1989*”. Nesta pesquisa foram investigados aspectos geográficos do Agreste de Pernambuco, buscando demarcar como os sistemas agrícolas eram desenvolvidos nas regiões de exceção do Agreste de PE. Destacou-se as características naturais e as alterações antrópicas nas Paisagens e como os processos influenciavam na organização social do trabalho, analisando desde o Índice de Desenvolvimento Humano de cada município até as diversas negligências estatais sofridas pela população do Agreste de Pernambuco. Também são citados como presentes em grande parte da região a falta de acesso a políticas públicas de saúde, educação, saneamento básico, acesso à moradia e a alimentação.

Para o desenvolvimento desta pesquisa foi necessário a formação de parcerias institucionais para obtenção de dados em órgãos como a Agência Estadual de Planejamento e Pesquisas de Pernambuco- CONDEPE/FIDEM, RADAMBRASIL, Departamento Nacional de Produção Mineral- DNPM etc. Tais instituições forneceram dados estatísticos populacionais para que fosse possível esclarecer como se desenvolveu a ocupação e organização espacial do Agreste-PE. Também foram investigados o Norte Cearense, pontuando algumas questões da

BEZERRA, A. L. A construção da representatividade científica feminina em Recife: a produção geográfica na UFPE 1960-1990. **Revista Rural e Urbano**, v.9, n.2, 2024. p. 110-128.

produção agroextrativa vegetal junto à pecuária, bem como os constantes desenvolvimentos dos pólos industriais no Agreste (como Caruaru e Vitória de Santo Antão), além das mudanças trazidas nas novas relações de trabalho. Diante dessas transformações a pesquisa discutiu sobre a distribuição populacional e o crescimento demográfico tendo em vista essas transformações de produção. Analisou-se o IDH, a formação do urbano e as suas implicações, como a formação dos grandes e médios centros urbanos, e os aglomerados rurais como vestígios das primeiras ocupações dessa região. Falou-se também sobre os subespaços existentes nas Zonas Costeiras e Agrícola, as Zonas Agrícolas Serranas e as áreas de combinações agrícolas sertanejas e sobre o Sertão Norte. Esses estudos regionais foram produzidos no intuito de entender como se desenvolviam as dinâmicas locais de cada área estudada. Tais estudos e parcerias institucionais ajudaram a visibilizar a presença e as pesquisas dessas mulheres no Nordeste e no estado de Pernambuco.

Algumas dessas mulheres que produziram essa investigação se tornaram referências para reflexões regionais sobre o Nordeste e outras em escalas nacionais e internacionais em suas áreas de pesquisa ligadas à Geografia. Contudo, sabe-se que com o passar dos anos e o surgimento de outras perspectivas investigativas algumas dessas mulheres, que estão apenas em memória, caíram no ostracismo, com outras, ainda em vida, permanecendo sendo citadas em trabalhos acadêmicos. Na quadro abaixo estão listados alguns nomes de mulheres que foram e outras que ainda são professoras do DCG-UFPE. Mulheres que, com a sua trajetória, se tornaram referências nacionais e internacionais nos direcionamentos de pesquisas:

Quadro 2: Professoras do DCG - UFPE que se tornaram referências nacionais - regionais para produções acadêmicas

GER.	PROFESSORAS	ÁREA DE ATUAÇÃO
1970	Professora Marlene Maria da Silva	Geografia Agrária
1970	Professora Maria das Graças Kater	Geografia Regional
1970	Professora Diva Medeiros de Andrade	Cartografia e Geografia Agrária
1970	Professora Rachel Caldas Lins	Climatologia, Geomorfologia e Geografia Regional
1970	Professora Aldemir Dantas Barboza	Geografia ambiental e Climatologia

BEZERRA, A. L. A construção da representatividade científica feminina em Recife: a produção geográfica na UFPE 1960-1990. **Revista Rural e Urbano**, v.9, n.2, 2024. p. 110-128.

1980	Professora Vanice Santiago Fragoso Selva	Geografia Regional
1980	Professora Maria Auxiliadora Cartaxo	Geografia Agrária
1980	Professora Edvânia Torres Aguiar Gomes	Geografia Urbana

Fonte: Produzida pela autora a partir do mapeamento de referências no *Google Acadêmico*, 2021-2022

A partir desse resgate histórico percebe-se que atualmente das professoras precursoras do DCG-UFPE apenas algumas dessas ainda são muito citadas em pesquisas. De acordo com a plataforma *Google Acadêmico* a professora Rachel Caldas Lins é citada em pesquisas recentes, sendo elas datadas de 1965-2020 ligadas à Geografia. As produções são de tipologias variadas: artigos, periódicos, teses etc. Entende-se que parte dessas professoras (quadro 2 e 3) ainda estão em vida e continuam produzindo pesquisas no DCG-UFPE como em outras instituições, mas a outra parcela de mulheres estão no ostracismo. É válido mencionar a importância dessas mulheres para a efetividade de alguns métodos e metodologias na área da Geografia, produzindo diferentes análises geográficas e contribuindo com a fundamentação da Geografia Regional produzida em Pernambuco.

Considerações finais

O período vivenciado entre os anos de 1960–1990 se configura como um período de transição social, tendo em vista os diversos movimentos presenciados nessa época. Diante disso, é necessário que seja constante o desenvolvimento de pesquisas que busquem compreender de quais formas as mulheres atravessaram esses contextos e como desenvolveram a sua vida pública em Pernambuco. No que diz respeito à Geografia produzida na UFPE a partir dos anos de 1980, a universidade se destaca por se tornar referência em estudos regionais, como também no processo de inclusão da mulher no mercado de trabalho em um tempo carregado de valores tradicionais. Dessa forma, a presente pesquisa buscou desenvolver esse arcabouço histórico sobre a participação das mulheres professoras na formação do DCG–UFPE para que se tornasse possível medir os níveis de transformações sobre essas problemáticas de 1990 até os anos de 1990, bem como, entender como essas mulheres professoras influenciaram na manutenção da presença das alunas, técnicas e professoras nessa instituição até os dias atuais.

BEZERRA, A. L. A construção da representatividade científica feminina em Recife: a produção geográfica na UFPE 1960-1990. *Revista Rural e Urbano*, v.9, n.2, 2024. p. 110-128.

Investigar sobre essas questões citadas levou-me como pesquisadora e mulher socializada na década de 1990 a entender como existem alguns outros fatores cruciais que também proporcionam o desenvolvimento de diversos tipos de pré-conceitos sendo eles as questões de raça que em sua maioria estão ligadas a uma realidade de pobreza e soma-se como mais um obstáculo para que mulheres negras se tornassem professoras universitárias e principalmente docente do DCG-UFPE.

Sendo assim, a presente investigação se apresenta com o papel de abrir caminhos para outros resgates históricos sobre a trajetória das mulheres professoras como produtoras de Ciências Geográficas. Também se coloca como protesto a desigualdade social entre homens e mulheres nos postos de trabalho, inclusive dentro da academia e universidade. As mulheres professoras como Rachel Caldas Lins, Marlene Maria, Tânia Bacelar etc são algumas das mulheres lembradas por sua trajetória tão importante para a continuidade do exercício da Geografia regional em Pernambuco. Entende-se que o crescimento da representatividade feminina no DCG-UFPE é um produto das transformações ocorridas socialmente e expressa entre 1960–1990. Transforma-se, assim, a realidade vivenciada em décadas anteriores, onde quase sempre as mulheres eram secundárias, mesmo que ocupando cargos que em sua maioria eram ocupados por homens. Neste sentido, a presença crescente dessas mulheres subverteram a manutenção dos valores da sociedade patriarcal.

Os estudos sobre a História do Pensamento Geográfico ligados aos problemas de desigualdade de gêneros são fundamentais para o desenvolvimento de um olhar crítico, para que seja reconhecido a estas mulheres o seu devido papel na construção do pensamento geográfico em Pernambuco. Contextualmente busca-se, então, pela história do pensamento, problematizar e incentivar mecanismos de transformações sociais que potencializam a igualdade na representatividade entre os gêneros.

Referências

ALMEIDA, Jane Soares de; SOARES, Mairsa. Mudaram os tempos; mudaram as mulheres? Memórias de professoras do Ensino Superior. **Avaliação**: Revista da Avaliação da Educação Superior, Campinas; Sorocaba, SP, v. 17, n. 2, 2012. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/avaliacao/article/view/768>. Acesso em: 27 set. 2024.

BEZERRA, A. L. A construção da representatividade científica feminina em Recife: a produção geográfica na UFPE 1960-1990. **Revista Rural e Urbano**, v.9, n.2, 2024. p. 110-128.

BERDOULAY, V. **A escola francesa de Geografia**. São Paulo: Perspectiva, 2017.

CUNHA, M. **Homens e Mulheres Nos Anos 1960/70: Um Modelo Definido?**. Curitiba: Editora da UFPR, 2001.

I Semana em Comemoração ao dia das Geógrafas e Geógrafos da UFPE - dia 28/05/2021: Mesa Redonda - Sociedade e Conhecimento Geográfico: caminhos do exercício técnico profissional. [S. l.: s. n.], 1 vídeo (2:58:10 min). Publicado pelo canal Ciências Geográficas UFPE. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dq3A1Lhd2TQ>. Acesso em: dia 28/05/2021.

I Semana em Comemoração ao dia das Geógrafas e Geógrafos da UFPE - dia 25/05/2021: Mesa Redonda - 71 anos do Curso de Geografia: memórias, histórias e contribuições ao tempo presente. [S. l.: s. n.], 1 vídeo (2:55:38 min). Publicado pelo canal Ciências Geográficas UFPE.. Disponível em: https://www.youtube.com/live/_h7a8NrKpI4?si=8TFAHBPD7cIe1pSo. Acesso em: dia 28/05/2021.

LINS, R. **Áreas de Exceção do Agreste de Pernambuco**, Série de Estudos Regionais - SUDENE, 1980.

MCDOWELL, L. G. **Identity, and Place: Understanding Feminist**, Minneapolis: University of Minnesota Press, 1999.

MOREYRA, R. **O Pensamento Geográfico Brasileiro: As matrizes clássicas originárias**. Vol.1, São Paulo: Editora Contexto, 2009.

McDOWELL, L; PEAKE, Linda. **Women in British geography revisited: or desame old story**. Journal of Geography of Higher Education, v.14,n.1, p.19,1990.

NEGRI, Fernanda De. **Mulheres na ciência no Brasil: ainda invisíveis?**. IPEA - Centro de Pesquisa em Ciência, Tecnologia e Sociedade, 2020. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/cts/pt/central-de-conteudo/artigos/artigos/177-mulheres-na-ciencia-no-brasil-ainda-invisiveis>. Acesso em:08/10/2021.

SILVA, M. J. **Geografias subversivas**. Paraná: Todapalavra Editora, 2009.

SILVA, J.M. Um ensaio sobre as potencialidades do uso do conceito de gênero na análise geográfica. **Revista de História Regional** [S. l.], v. 8, n. 1, 2007. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2167>. Acesso em: 27 set. 2024.

SEWEL JR., Willian. "The concept(s) of culture" from beyond the cultural turn: new directions in the study of society and culture (1999). In: OAKES, Timothy S.; PRICE, Patricia L. **The Cultural Geography Reader**. Oxford: Routledge, 2008, p. 40-49.

BEZERRA, A. L. A construção da representatividade científica feminina em Recife: a produção geográfica na UFPE 1960-1990. **Revista Rural e Urbano**, v.9, n.2, 2024. p. 110-128.

SILVA, M. M. **O Norte Cearense**. Série Estudos Regionais. Ministério do Interior, Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste, Superintendência Adjunta de Planejamento, Coordenação de Planejamento Regional, Divisão de Política Especial, Recife: SUDENE, 1985.

SILVA, M. M.; LIMA, D.M.A. **Sertão Norte**: área do sistema gado-algodão. Série Estudos Regionais. Ministério do Interior, Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste, Superintendência Adjunta de Planejamento, Coordenação de Planejamento Regional, Divisão de Política Especial, Recife: SUDENE, 1982.

SILVA, M. M.. **A linha da subordinação**: trabalho da mulher e sobrevivência da pequena produção agrícola no Agreste Pernambucano. Tese (Doutorado em Geografia), São Paulo: FFLCH-USP, 1994.

THOMPSON, P. A.. **Voz do Passado**: história oral. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

TAVARES, M. **Feminismos**: percursos e desafios (1947-2007). Lisboa: Texto, 2012.

BEZERRA, A. L. A construção da representatividade científica feminina em Recife: a produção geográfica na UFPE 1960-1990. **Revista Rural e Urbano**, v.9, n.2, 2024. p. 110-128.